

“Igreja e Sociedade: Alianças de Missão e Compromisso Social”

Jason Castro de Carvalho¹

Analzira Pereira Nascimento

Resumo

Este artigo explora o conceito de Missio Dei, destacando sua importância teológica e prática para a responsabilidade social e a restauração da dignidade humana. A Missio Dei, entendida como a missão de Deus no mundo, convoca a Igreja a participar ativamente na obra divina de redenção e reconciliação, não apenas no âmbito social, mas também na restauração integral da humanidade. O Instituto Prá Viver Melhor serve como um caso exemplar, onde a ação social se alinha com a missão de restaurar a dignidade humana e promover a justiça social. Este estudo analisa como a teologia da Missio Dei pode orientar a Igreja contemporânea em sua missão de promover uma transformação holística, abrangendo aspectos sociais e econômicos.

Palavras-chave: Missio Dei, responsabilidade social, justiça social, transformação holística.

Abstract

This article explores the concept of Missio Dei, highlighting its theological and practical importance for social responsibility and the restoration of human dignity. Missio Dei, understood as God's mission in the world, calls the Church to actively participate in the divine work of redemption and reconciliation, not only in the social realm but also in the integral restoration of humanity. The Instituto Prá Viver Melhor serves as an exemplary case where social action aligns with the mission to restore human dignity and promote social justice. This study examines how the theology of Missio Dei can guide the contemporary Church in its mission to foster holistic transformation, encompassing social and economic aspects.

Keywords: Missio Dei, social responsibility, social justice, holistic transformation.

¹ Jason Castro de Carvalho: Bacharelado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. São Paulo – Brasil, ORCID:0009-0007-6791-7218.

Analzira Pereira Nascimento: Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e do Programa de Mestrado do Seminário Teológico da Convenção Batista de Angola. Email: analziramissao@gmail.com. ORCID: 000-00002-1182-192619

Igreja e Missão

Usa-se e muito, o vocábulo missões como definição de uma ampla evangelização denominacional, mas para uma referência ao extraordinário de Deus, recorro ao termo “Missio Dei”, estabelecido pela comunidade evangélica internacional na Conferência Missionária de Brandemburgo, em 1932. Missio Dei é uma expressão latina que quer dizer: Missão de Deus. A teologia da Missão inicia-se com Deus. Dela fazem parte as histórias da criação, queda, redenção, revelação do Deus encarnado e a salvação. Através da história da humanidade, vemos a Missão de Deus provendo meios e até pessoas, para que a mensagem redentora possa chegar a todos os povos e nações. Na compreensão geral que temos a partir dos dicionários da língua portuguesa, missão é um encargo, uma incumbência, um propósito, um compromisso, um dever e até mesmo uma obrigação a executar. No período da colonização, a missão era entendida como o deslocamento das potências ocidentais às colônias, especialmente do Oriente, da África e da Ásia.

O principal objetivo era “cristianizar” e civilizar. Neste caso, a superioridade militar e econômica do ocidente traduziu-se em superioridade cultural. Os povos “descobertos”, foram categorizados como inferiores, por isso deveriam ser civilizados à moda do ocidente. Nesta visão, a expedição político-militar e o cristianismo caminhavam ombro a ombro. Bosch afirma que “os críticos da missão geralmente partem da suposição de que missão era apenas o que os missionários ocidentais estavam fazendo em termos de salvar almas, plantar igrejas e impor seus métodos e vontades a outros”. (BOSCH, 2002, p. 618). Neste quesito, expandir igrejas locais ou uma denominação específica, viajar para outros países e culturas, vem a ser a condição de qualquer empenho missionário e o teste e critério final do que seja verdadeiramente missionário. Essa concepção confunde o princípio e o alcance da missão.

Segundo Christopher J. H. Wright, a palavra missão é de raiz Latina (*missione*), e traz a noção de enviar ou ser enviado. (Wright, 2014, p. 29).

A relação fundamental entre cristologia e soteriologia, a qual foi crucial durante os primeiros anos do cristianismo, tornou-se menos clara sob todas as mais variadas condições. Missão constitui a parte central da teologia cristã.

Biblicamente falando, quer no Velho ou no Novo Testamento, como o movimento missionário observado no livro de Atos, vemos Deus chamando e enviando personalidades nos vários momentos e estágios da comunidade judaico-cristã. Portanto, definir a missão corretamente exige a compreensão da sua natureza. As conferências missionárias têm desempenhado um papel extremamente vital na evolução e revolução do pensamento missionário. Mudanças foram ocorrendo, tanto na teologia bíblica como na teologia sistemática, levando os missiólogos à reflexões e tratados em conferências com o intuito de trazer à superfície uma compreensão teológica e bíblica da missão.

Bosch, cita em seu Livro *Missão Transformadora* a conferência missionária de Brandeburgo, em que Karl Barth, foi o primeiro teólogo a articular a missão como atividade de Deus. (BOSCH, 2002, p.466).

O desenvolvimento desta nova compreensão da missão levou a confessar que só através de um ato criativo de Deus seu Reino será consumado, no estabelecimento final de um novo céu e uma nova terra. (Bosch, 2002, p.466-467).

A missão é o que caracteriza a nossa fé como Igreja de Cristo. De outro modo seria negar sua própria razão de ser. Pois a fé cristã vê todas as gerações da terra como objeto da vontade salvífica e do plano da salvação de Deus. Nos termos do Novo Testamento, o Reinado de Deus veio em Jesus Cristo como destinado a toda a humanidade. Assim, a missão é entendida em termos de relacionamento dinâmico entre Deus e o mundo. Bosch afirma que:

"A Bíblia não deve ser tratada como um depósito de verdades às quais poderíamos recorrer aleatoriamente. Não há "leis de missão" imutáveis e objetivamente corretas às quais a exegese da Escritura nos daria acesso e que nos proporcionariam esquemas que pudéssemos aplicar em cada situação. Nossa prática missionária não é realizada em continuidade ininterrupta com o testemunho bíblico; ela é um empreendimento inteiramente ambivalente executado no contexto da tensão entre a providência divina e a confusão humana. O envolvimento da igreja na missão permanece um ato de fé sem garantias terrenas." (BOSCH, 2002, p. 27).

Neste contexto, o existir cristão é um existir missionário. Não pela proclamação universal do Evangelho, mas através da universalidade do evangelho que ele proclama. Assim sendo, a natureza da missão está baseada no próprio evangelho, na universalidade da salvação e na indivisibilidade do Reino de Deus.

A responsabilidade Social da Igreja

“Fazei o bem a todos”. Na maior parte da história da igreja os cristãos entenderam que o socorro aos sofredores era uma parte importante da sua vocação no mundo. Eles não acreditavam que havia qualquer conflito entre essa preocupação e outros interesses da vida cristã. Foi somente no século 20 que o envolvimento social da igreja se tornou um ponto de discórdia, rompendo o consenso que havia imperado por longo tempo. Vale a pena considerar alguns aspectos dessa questão.

O Antigo Testamento está repleto de preceitos e narrativas referentes à temática social. As figuras do pobre, do órfão, da viúva e de outras pessoas em situação de desamparo povoam as Escrituras Hebraicas. A lei de Moisés continha dispositivos que iam além do mero atendimento de necessidades imediatas, criando condições para que houvesse menor desigualdade na sociedade de Israel. São exemplos disso a lei da rebusca (Lv 19.9,10; 23.22; Dt 24.19-21) e o ano de jubileu (Lv 25.8-34). Quando se chega à literatura profética, em especial aos “profetas éticos” do oitavo século a.c. (Isaías, Oséias, Amós e Miquéias), a justiça, a misericórdia e a generosidade no trato com os sofredores se tornam um tema dominante.

Jesus retomou e aprofundou essas preocupações. Numa época em que a religiosidade judaica havia se cristalizado em torno de três práticas formais; esmolas, oração e jejum. O Senhor corrigiu algumas distorções vigentes, ensinando que a prática da caridade deveria ser humilde, desinteressada e motivada pelo amor (Mt 5.7; 6.1-4; 7.12). Ao anunciar o evangelho do reino, Ele apontou como uma de suas características a sensibilidade diante da dor alheia e a prontidão em assistir os desafortunados.

Ele mostrou isso de modo magistral por meio de alguns de seus ensinamentos mais apreciados, como a parábola do Bom Samaritano (Lc 10.30-37) e a inquietante história do Grande Julgamento (Mt 25.31-46). Na mente das primeiras gerações de cristãos ficou a imagem de Jesus como alguém que passou pelo mundo fazendo o bem (At 10.38). O ensino apostólico colocou a beneficência no centro da vida cristã – a misericórdia ou benignidade é um dos dons espirituais e um fruto do Espírito (Rm 12.8; Gl 5.22); deve-se fazer o bem a todos, a começar dos irmãos (Gl 6.9-10); a solidariedade deve ir além das meras palavras, para manifestar-se em ações concretas (Tg 2.15,16; 1 Jo 3.17,18). A própria instituição do diaconato testemunha sobre a importância desse aspecto da vida cristã.

Os primeiros cristãos atribuíam grande valor à prática da misericórdia. A hospitalidade e as ofertas para fins caritativos eram generalizadas entre os fiéis. Um documento da época afirma; “O jejum é melhor que a oração, mas as esmolas melhores que ambos”. (2 Clemente 16). A epístola conhecida como 1 Clemente fala de cristãos que se vendiam como escravos para poderem socorrer os necessitados. Quando surgiam epidemias, os fiéis não deixavam de dar assistência aos enfermos e de sepultar os mortos. As viúvas, os órfãos, os enfermos e as crianças recebiam especial cuidado.

Em períodos de grave conturbação social, como nos estágios finais do Império Romano, a igreja era a única instituição que estava preparada para ajudar as populações afligidas. Um desdobramento preocupante ocorreu ainda no período antigo e se aprofundou na Idade Média – o entendimento de que a pobreza e a caridade tinham um valor meritório diante de Deus. Isso acabou desvirtuando as motivações que levavam muitas pessoas a se desfazerem dos seus bens e a socorrerem os necessitados. Além disso, uma atitude fatalista em relação à pobreza involuntária impedia que os pobres superassem a condição em que viviam. Apesar dessas mazelas, a história desse longo período atesta o profundo envolvimento dos cristãos com seus semelhantes.

Um aspecto interessante da história posterior do protestantismo é que os períodos de revitalização espiritual foram marcados por intensa preocupação social. Isso se deu com o pietismo alemão, e com os grandes despertamentos norte-americanos. Todos esses poderosos movimentos se voltaram intensamente para questões práticas como educação, missões e beneficência. Esse consenso dos evangélicos em torno da compatibilidade entre a vida espiritual, a evangelização e o serviço cristão viria a ser questionado ao longo do século 20. Portanto à luz do ensino bíblico, do exemplo de Cristo e das lições da história, os cristãos não podem ignorar o desafio social. Como a justiça social é uma das implicações do evangelho, evitar essa área acarreta sérias dificuldades para a consciência cristã e para o testemunho cristão. O fato de alguns movimentos terem tido problemas nessa abordagem não isenta os cristãos da sua responsabilidade. Ao contrário, num mundo afligido por tantas situações que atentam contra a vida, a dignidade e o bem-estar dos seres humanos, é de suma importância que os cristãos redobrem os seus esforços no sentido de seguir os passos daquele que “andou pela terra fazendo o bem”.

A Igreja que responde aos desafios da comunidade onde está inserida

No Instituto Prá Viver Melhor, projeto dirigido pelo Pr. Mozart Barbosa Alves, da Igreja Batista Parque das Flores, no Bairro Morro do Sabão, extremo leste de São Paulo, com e cerca de 150 membros, a igreja realiza um belíssimo trabalho de ajuda à comunidade cujo público-alvo são: crianças, adolescentes, jovens e adultos em situação de alta vulnerabilidade social, moradores na região leste de São Paulo, divisa com Mauá. O projeto também atende diariamente com almoço para 450 pessoas carentes, feito por Funcionários e alguns voluntários, pois hoje o local se tornou uma ONG e um ponto social da Secretaria de Direitos Humanos da Cidade de São Paulo, onde recebe uma verba anual para manter o projeto, além de doadores que conhecem o trabalho ali realizado. Fica o recado do Pr. Mozart: “Deixe o Espírito Santo usar sua vida, seus dons e seus recursos. Precisamos de ajuda financeira, sim. Mas precisamos de mais pessoas que se coloquem à disposição, porque há muito solo a ser preparado, a fim de produzir mais frutos.”

O trabalho ali executado é algo muito relevante para aquela comunidade e com um caráter evangelístico muito forte, afinal essas refeições são oferecidas no templo, no espaço onde se encontra a igreja, assim sendo a igreja se integrou e faz parte daquela comunidade de maneira essencial, onde elas passam a enxergar a igreja não apenas como um local de culto religioso, mais um local de abrigo, de socorro e de esperança para vidas que se encontram em um estado de profunda miséria, algumas daquelas pessoas mal têm roupas dignas para se apresentar na sociedade ou até mesmo em uma entrevista de emprego. Além disso a ONG oferece: Aulas de Capoeira, Jiu-jitsu, Muay Thai, Patins, Futebol, Balé e Artes. Apoio pedagógico com reforço escolar para crianças e adolescentes.

Em parceria firmada com a Secretaria de Direitos Humanos da Cidade de São Paulo, o instituto serve diariamente, de segunda à sábado, 450 refeições. E neste local eles podem encontrar todo este apoio para esta integração, e se sentirem homens e mulheres dignas, e podem através desta assistência que recebem ali, reconstruir uma história que lhe foi roubada pela desigualdade social vivida dentro do nosso sistema capitalista, e conhecerem o verdadeiro e único caminho que não está ligado a nenhum desses sistemas ou paradigmas criado pelos homens, ali essas pessoas tem acesso ao Reino de Deus, onde todos se servem de maneira mais igualitária, onde o pastor está servindo e sendo servido, assim como os demais que praticam tal feito. Algo que nos faz lembrar sobre as práticas da igreja primitiva, o que implica pensar como tais feitos foram esquecidos pelas práticas das igrejas e comunidades contemporâneas em suas rotinas diárias. Isso segundo Christopher J. H. Wright, significa que:

Viver o evangelho é, ao mesmo tempo, fazê-lo de modo que se esteja envolvido com o mundo trará, inevitavelmente, conflitos com o mundo. A esfera pública é a arena para esse confronto. A missão do povo de Deus envolve a entrada nesse confronto com olhos abertos, mente envolvida e com nossa armadura espiritual a postos. Devemos, portanto, estar envolvidos na esfera pública, no mercado local e global, mas devemos fazê-lo como *santos* no mercado. Somos chamados para ser santos, o que significa ser diferentes ou distintos (Wright, 2014, p. 282 - 283).

O que Wright está querendo dizer é que o confronto inevitável, se dá na postura radical dos cristãos diante das potestades hegemônicas, ou seja, a negação racional de decifrar as contradições do mundo sistêmico deve ser denunciada e isto é parte essencial da missão. Destaca-se as interrogativas do autor e sua forte evidencia da relação javista e sociedade humana em todos os níveis – político, econômico, social, legal e cultural.

Quem poderá contar as inúmeras maneiras com que os cristãos podem ser uma bênção para as nações? Que diferença isso faria no sentimento íntimo de envolvimento pessoal de cada cristão na missão do povo de Deus, se eles pudessem ver cada dia de trabalho regular e de envolvimento na sociedade como uma oportunidade para “ser uma bênção”, para “buscar o bem-estar da cidade” onde Deus os colocou? Quanto dano temos causado à missão de Deus, ao restringir a missão aos ministros de tempo integral e missionários remunerados? Tenho a impressão de que o evangelho que deve ser compartilhado pelos nossos lábios seria mais abundante e mais eficaz se fluísse de uma vida que está ressoando com a bênção do evangelho em todos os momentos corriqueiros do viver cristão cotidiano em meio ao mundo (Wright, 2014, p. 325).

Cumprir com a missão é tarefa da igreja, seu desafio é coletivo e comunitário. É uma ordem deixada por Jesus que deve ser obedecida em sua totalidade. A preocupação com a salvação integral dos perdidos é a razão da existência da igreja de Jesus Cristo. Com isso cada membro passa a ter uma responsabilidade e um compromisso de cumprir com a missão de fazer discípulos. A vida do discípulo é desafiada a viver em comunhão com Deus, seu caráter é desenvolvido à medida que se assemelha ao seu mestre, isto é, ser a manifestação humanitária na terra. Um bom discípulo será capaz de fazer mais seguidores, pois seu compromisso com a ordenança de Jesus é seu estilo de vida. Portanto, a missão do coração de Deus, é o ministério de todos os crentes e a missão de cada um. Não existe a possibilidade de abster-se dessa responsabilidade, pois, o cristão evidencia no decorrer da sua história, a eterna misericórdia de Deus ao mundo, mediante os padrões de ação da *Missio Dei*.

Em se tratando de missões, a ordem de Jesus é clara ao convocar cada discípulo para anunciar seu Evangelho por todo o mundo, pregando para todas as nações e promovendo seu reino entre todos os povos.

Sua convocação é baseada na promessa de sua presença constante.

É impossível fazer da missão uma realidade de vida sem a atuação do poder de Deus, através do Espírito Santo. O Espírito Santo é quem dá o direcionamento, motivação, e leva a igreja a cumprir seus propósitos missionários. Diante dessa missão, o papel do cristão no mundo de hoje é fundamental, e sua responsabilidade pesa sobre seus ombros. Nesse aspecto John Stott fez uma alusão em que

“Jesus fez mais do que traçar um paralelo vago entre sua missão e a missão do cristão. Precisa e deliberadamente, ele fez de sua missão um modelo para a nossa, dizendo: ‘assim como o Pai me enviou, eu também vos envio’ (STOTT, 2010, p. 27).

Portanto, conclui-se que a ideia abordada por Stott é que a missão é algo pessoal e diz respeito a todos aqueles que servem a Jesus.

Esta missão pessoal é uma parte da *Missio Dei*, representada pela multiplicação de discípulos. O termo discípulos foi muito usado por Jesus para identificar seus seguidores. Discípulo é um aluno ou seguidor, aquele que se submete aos ensinamentos de alguém, que trilha os mesmos caminhos, que usa as mesmas ideias do mestre. Ele procura conhecer, praticar e aplicar o mesmo modo de vida e a filosofia de vida do seu senhor. “Jesus chamou os doze discípulos e lhes deu poder e autoridade para expulsar todos os demônios e curar doenças. Então os enviou para anunciarem o Reino de Deus e curarem os doentes” (Lucas 9.1,2). O verdadeiro discípulo está interessado no aprendizado constante, está atento aos acontecimentos a sua volta, tendo seu mestre como modelo. Ele deseja ampliar seus conhecimentos e acima de tudo desenvolver seu caráter e sua mente. A missão é particular e um desafio para cada cristão que entendeu o sacrifício de Jesus na cruz e que acredita que “esse agir só pode ser salvador”. O “eu” está intimamente ligado a missão, como cooperador, participante e incansável, naquela que é a obra continuada de Deus, na “ideia urgente de que somos cooperadores de Deus”.

Aprendi que existe um abismo entre alguém comprometido com a obra missionária e alguém envolvido com ela. À primeira vista parecem palavras parecidas, porém seus significados são totalmente opostos.

Uma pessoa comprometida é alguém disposto a assumir um compromisso. Estar comprometido é fazer não apenas a sua parte, mas contribuir para que toda a equipe tenha um resultado positivo.

Já o envolvido, é alguém que aparenta fazer parte do grupo, porém é alguém que quando pressionado, mostra realmente quem é. A Bíblia apresenta os dois modelos de pessoas. Mas, ao pensar em alguém envolvido, logo emerge no pensamento a vida de Judas. Alguém que andou ao lado do seu mestre, teve todas as oportunidades para apresentar a mensagem da salvação, e vive-la na íntegra, contudo, seu coração não estava comprometido com o coração do mestre. Sua vida foi um desastre e seu fim é conhecido. Seu “simples” envolvimento lhe custou o Reino dos céus.

Considerações finais

Uma pergunta deve ser feita em nosso atual cenário: Quais são as mudanças atitudinais que levarão as instituições eclesiais a recuperarem a totalidade do evangelho?

Não basta estar apenas envolvido, é necessário sim, estar comprometido com a obra, a *Missio Dei*, de multiplicar discípulos. Mas ao fazer discípulos ajudo a igreja a desenvolver a sua missão e também comunico algo para a comunidade. O efeito vai além de mim e do corpo místico de Cristo. Todos recebem quando cada um realiza a sua missão!

O assistencialismo tem o seu valor, mas está muito longe de ser uma ação integral da igreja e beira um desencargo de consciência: foi entregue uma cesta básica a uma família que passava fome a dias e com isso a igreja cumpriu a sua tarefa social naquele ano. Agir desta forma é promover ajuda como a sociedade promove, sem transformação maior e sem o envolvimento efetivo.

Há ainda um outro desafio a ser encarado pela igreja: como relacionar evangelismo e ação social? Um equilíbrio entre ações práticas e a pregação sempre foi um dos grandes desafios da igreja.

Se a missão é a razão da existência de algo ou papel desempenhado por alguém, cada cristão tem uma razão de ser e um papel a desempenhar no meio em que está inserido, no entanto, o que se pode ver é um envolvimento muito aquém do esperado. Acreditar que fazer discípulos é função da igreja e obrigação do pastor, é se isentar de uma responsabilidade que é pessoal, deixando assim de compreender qual é o seu e meu papel no mundo.

Uma boa compreensão do que é ser igreja, faz-se necessário, para uma correta compreensão do papel do discípulo. As quatro paredes da igreja não são a igreja. As paredes da igreja não têm a capacidade de evangelizar, muito menos fazer discípulos, quem faz isso, são as pessoas! A responsabilidade é da criação. Essa imputabilidade está posta de maneira errada sobre os ombros da igreja ou da liderança, quando o olhar deveria se voltar para cada um, no exercício de sua responsabilidade pessoal e irrevogável.

Afirmar não ter parte na missão, é afirmar não ter parte no propósito de Deus. Declarar não ter nada a ver com isso é, afirmar um testemunho negativo do próprio Cristo. Pois, em Cristo, a igreja deverá dar testemunho de ser uma comunidade feliz, rica da alegria que nasce da fé. Feliz porque experimenta e anuncia a ternura do Senhor e vive a esperança, que não conhece resignação, indiferença, divisão.

A igreja foi e continua sendo chamada para ser a igreja de Jesus, que é você, sou eu, somos nós. Logo, a atuação do discípulo na atual sociedade exige mudanças no modo de pensar de todos. Estar atento aos sinais dos tempos, a ponto de mudar o olhar para uma realidade dura e muitas vezes insensível. Cada ato de amor fraterno significa o Reino de Deus acontecendo, a vontade de Deus sendo realizada, o mundo se tornando mais humano e cristão.

Assim, a missão da igreja se une ao chamado pessoal, pois, se existe uma “*Missio Dei*”, existe uma missão de cada um, onde a vida do discípulo é desafiada a viver em comunhão primeiramente com Deus, e com os demais irmãos, onde o seu caráter é desenvolvido à medida que se assemelha ao seu mestre. Um bom discípulo será capaz de fazer mais seguidores, pois seu compromisso com a ordenança de Jesus é seu estilo de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSCH, David J. **Missão Transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

GOHEEN, Michael W. **A Igreja Missional na Bíblia**: luz para as nações. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.

LAUSANNE. O Evangelho e a Cultura: Relatório de Willowbank. São Paulo: ABU Editora, 2007.

STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno**. Trad. Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010. 160 p.

WRIGHT, Christopher J.H. **A Missão de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2014

WRIGHT, Christopher J.H. **A Missão do Povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova: Instituto Betel Brasileiro, 2012.